
Gene Tierney

ÁLBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 39)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Delegação no Porto: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.



Gene TIERNEY

a «estrela» esplendorosa QUE UM DESTINO TRÁGICO OFUSCOU conseguirá vencer a barreira da FATALIDADE?

A sua vida ✦ a sua carreira ✦ os seus amores



Aos onze meses Gene Eliza era um rochunchudo e encantador bebé, como o demonstra esta foto.



Gene e o seu irmão durante uma excursão a Nova Iorque, acompanhados por sua mãe.

O senhor Howard S. Tierney, importante agente de seguros, e sua mulher, Taylor Tierney, uma das mais distintas damas da alta sociedade novaiorquina, formavam um casal realmente feliz. Não apenas porque desfrutavam de uma vida bastante confortável, dada a sua relevante posição social, como também porque o ambiente do seu lar era dos mais venturosos que dois cônjuges podem ambicionar.

Tinham dois filhos: Butch e Gene. Duas crianças adoráveis, muito traquinas, sem dúvida, mas que constituiam grande parte da sua iniludível felicidade.

As nossas linhas passarão, daqui em diante, a falar da existência de um dos filhos do casal Tierney — a pequena Gene.

A pequena Gene Eliza Tierney, nascida a 20 de Novembro de 1920, em Brooklyn, e que viria a ser uma famosa «estrela» do cinema americano.

Gene, que desde os primeiros anos logo começara a evidenciar a estranha beleza que, no futuro, se tornaria célebre, era uma menina encantadora, que, não obstante, e como todas as meninas encantadoras, tinha os seus defeitozinhos.

Era muito gulosa, demasido irrequieta, e dava mostras de uma imaginação bastante fértil, que a levava a conceber, com frequência, histórias tão bem engendradas que os colegas da escola e até os adultos chegavam a acreditar nelas. A mãe da pequena não gostava muito que ela andasse a inventar coisas para intrujar os outros, mas o pai considerava isso inofensivo, e achava graça às «histórias da carochinha» da filha.

Na altura em que vamos encontrar a família Tierney, vivia ela numa aprazível granja em Connecticut. E para que se possa avaliar desde já as consequências desagradáveis de certas histórias e mentiras da pequena Gene, começaremos por referir um episódio ocorrido num dia do seu aniversário.

— Oiçam, camaradas — disse Gene, nesse dia, na escola, a toda a turma — hoje faço anos, e ficam todos convidados para ir à festa em minha casa...

Foram todos, e bem depressa o recipiente dos bolos ficou vazio, tendo a perplexa mãe e a criada de andar de um lado para o outro à procura de mais comida para tão decididos visitantes. E os pais só compreenderam o motivo daquela «invasão» quando um dos convidados disse, ao despedir-se:

— Foi muito amável da tua parte. Feliz aniversário, Gene...

E depois Gene teve de ouvir um belo sermão sobre os malefícios das histórias da carochinha e das mentiras.

Mas a zanga dos pais foi, de facto, verdadeira quando, um dia, um recipiente cheio de bolos feitos para determinada ocasião apareceu vazio, e Gene, chamada logo para enfrentar o castigo, negou firmemente ter-lhes tocado. Mas tal espécie de mentiras não as admitia seu pai. Mostrou-se tão severo que Gene, de lágrimas nos olhos, confessou:

— Está bem, papá, tirei-os...

— Não foi ela!...

Buth tinha aguentado todo aquele tempo, mas agora não podia mais. Tinha mais três anos que a irmã, e não mentia... mas tirara os bolos.

O pai, furioso por se ter enganado, julgando Gene culpada, pegou em Buth e dirigia-se para a biblioteca, quando foi agarrado por uma Gene trémula e chorosa.

— Não, papá! Não lhe bata! Não, não...

Porque ela e o irmão andavam sempre à bulha, mas quando o não faziam eram verdadeiros amigos. Mesmo quando foram enviados para longe de casa, porque ia haver uma «surpresa», tiveram violenta discussão.

— Vai ser uma manazinha! — dizia Butch.

— Não é nada — retorquia Gene — vai ser um maninho! Os pais também querem antes um mano!

Ao serem levados a casa por uma criada, radiante, que lhes ia dar a boa notícia, Gene agarrou-a pelo avental ameaçadoramente:

— O que é? Uma irmã?... Oh, não, isso não, não a quero...

E, desta forma, a pequenina Pat veio encontrar dois irmãozinhos que, durante



Aos cinco anos, Gene era a garotinha graciosa que posa para a posteridade, junto de seu irmão, numa praia americana.



No Natal de 1928, em Green Farms, Connecticut, Gene, louca de felicidade, mostra aos seus amiguinhos uma formosa boneca, oferta do Menino Jesus.



No dia do seu décimo-segundo aniversário, Gene Eliza estreou o seu primeiro vestido de cerimónia.

muito tempo, só se reconciliavam à força de narizes partidos...

Mesmo com os seus defeitos de menina atrevida e mentirosa, toda a gente gostava da pequena Gene, especialmente os rapazes. Muitos queriam-lhe tanto que, quando a família partiu para a Europa, havia lágrimas nos olhos dos que ficaram. Para Gene, essa viagem ao estrangeiro tornou-se menos divertida, por causa de a mãe ter o sentido da economia. Como íam estar bastante tempo fora, os grandes casacos que ela comprou, exactamente iguais, para Gene e Pat, eram de boa qualidade e bastante compridos.

— Mãe, olhe para nós... — protestava Gene. — Parecemos dois fantasmas. Estes horríveis casacos andam a roçar no chão. Sabe-se lá quem conheceremos na Europa, e eu não quero ir, se vamos a rastejar nestes casacos...

Mas «rastejar» assim encasacadas foi o que, de facto, fizeram, de forma que Gene teve de se habituar.



Gene e sua irmã Pat, duas amigas inseparáveis, a despeito da sua diferença de idades.

Ao ver, durante a viagem de barco, várias pessoas olharem para os curiosos casacos, atalhou para disfarçar:

— Vai ser bom rever o nosso castelo!

— O vosso castelo?

Ela assentiu lànguidamente. Era a sua maior mentira.

— Claro. Temos um castelo muito antigo, na Europa. Fomos trazidas quando ainda éramos bebés. Mas, agora regressamos, como é natural. Imagino as queridas e velhas criadas, todas alinhadas no grande «hall».

Os olhos dela voltaram ao trabalho que fazia, mas os rapazes agruparam-se todos à sua volta.

— Han? Isso é emocionante! Um daqueles castelos verdadeiros, com torres e tudo?

— Pois, pois... E com um fosso em volta...

Daí em diante, Gene tornou-se muito popular no navio. Tão popular que, examinando, um dia, o seu longo cabelo, decidiu que ficaria muito melhor sem ele.



Apesar do grande número de amigas que ali granjeara, Gene sentia-se demasiado solitária na escola de Lausana, que frequentou em 1937.



Gene no dia em que obteve a aprovação no seu exame de instrução primária na escola de Bridgeport, Connecticut, com cinco condiscípulas.

E, assim, o cabelo foi cortado, e quando seu pai chegou ao pé dela e viu aquele cordeirinho tosquiado, quase chorou. Mas os rapazes gostaram.

— Adeus — disse-lhes Gene, quando o barco acostou ao cais. — Desculpem-me não esperar. Estou tão impaciente.

Entretanto, as consequências da emocionante história que ela lhes contara, não se fizeram esperar muito. Para espanto de Gene, um dia, em Paris, outro grupo de turistas juntou-se à família.

— Então, que faz em Paris, Sr. Tierney? Onde é o vosso castelo?

— O nosso castelo?!...

Engolindo em seco, uma rapariguinha esgueirou-se apressadamente por uma porta.

OCUPADA nas suas lições, Gene tinha os seus momentos mais felizes quando fazia o papel de Jo em «Little Women» (Mulherzinhas), e o de Betsinda em «Rose and the Ring» (A Rosa e o Anel), de Thackeray, no pequeno teatro escolar. Tão incurável era o seu desejo de fazer algo



Foi um verão feliz aquele em que viajou pela Europa na companhia de Butch e seus amigos. Ei-los na Alemanha bebendo cerveja.

mais interessante do que a sua vida diária habitual, que, um dia, anunciou:

— Talvez eu venha a ser uma verdadeira actriz e pise os palcos...

Como de costume, Butch e o seu bando contestaram:

— Tu, uma actriz? Pois agora tens de dizer que eu sou rei. Vá, diz!

Ela teve vontade de brigar, mas Butch fazia muita força quando lhe torcia os pulsos...

— Está bem, pronto, és rei. Deixa-me em paz agora!

Concluído o curso primário, Gene foi mandada para a elegante Escola de «Miss» Farmer, em Farmington. Butch andava a estudar em Hotchkiss, e trazia para casa, a passarem os fins de semana com ele, rapazes seus colegas, que davam inevitàvelmente com o tal recipiente dos bolos sempre cheio. Um ou dois dos rapazes, porém, tinham deixado de os comer para irem passear com Gene pelo campo.

Um dia, Gene abriu uma carta e rejubilou.

— Oiçam, Pat e papá. Convidam-me para a organização da festa dos caloiros. É o chefe da turma que me convida! Posso ter um vestido novo, e comprido, e posso...

Mas surgiram-lhe, então, sarilhos inesperados. Ela disse ao director da Escola de «Miss» Farmer que teria de ser dispensada das aulas para ocupar-se da organização da festa dos caloiros, e o director respondeu-lhe que não. Um «não» simples e firme.

— Não é uma coisa conveniente. Não, não pode.

Com os olhos em fogo e um trejeito de revolta nos lábios, Gene apareceu a seu pai como um furacão.

— ...E vou, papá, vou, e não desisto!

Foi com espanto que ouviu o pai dizer amàvelmente:

— Está bem, pequena, vai, se assim o desejas.

E foi — mas a escola acabou-se para ela. E tinha de se resolver o caso. Gene não tinha interesse por qualquer outra escola. E seus pais não podiam concordar em que, aos 15 anos, a sua instrução estivesse terminada.

Pessoalmente, a rapariga achava aquela fase maravilhosa. A depressão perdia-se já na memória, a vida era gloriosa. Os clubes nocturnos de Nova Iorque progrediam, e a vida de quem os frequentava era um emocionante torvelinho. Havia orquestres de «swing» por todo o lado, a rua 52 floria da noite para o dia em lugares deliciosos onde uma rapariga podia dançar o «swing» sobre um banco de «bar», sorver qualquer bebida por uma palhinha, e dar socos sobre o balcão para aplaudir um músico favorito.

Gene estava mais magra. Examinando os delicados ossos que começavam a aparecer através da sua pele muito branca, e vendo sombras negras em volta dos seus olhos

Gene, já uma jovem estranhamente bela, aparece nesta foto com sua mãe, sua irmã Pat e o seu «amigo» Angus. Por esta altura a futura «estrela» entregava-se secretamente a escrever poesias.



de estranha cor, sua mãe tomou uma decisão.

— Tens de voltar para a escola... — E depois, para pesar de Gene: — Mas não aqui. Nem por estes lados. Uma escola no estrangeiro. Talvez na Suíça.

Gene e Pat tinham lido todos os livros usuais para raparigas, todas as histórias dos costumes relativos a colégios internos. Mas, neste caso, havia uma grande distância entre os outros colégios e aquele, num país estrangeiro, onde nem a sua língua era falada. Reparando no corpo gordo e forte de Pat, olhando para as sobrancelhas inquiridoras de Butch, vendo o afectuoso sorriso do pai, Gene engoliu um grande soluço. Europa — sim, soava-lhe bem, e no barco divertir-se-ia. Mas... tão longe...

E a pequena Gene Tierney seguiu para a escola na Suíça.

Os seus olhos entristecidos fitavam o Oceano, que parecia cada vez maior entre ela e os verdes e frescos campos de Connecticut, e os enormes prédios de Nova Iorque com o seu estrépito de luzes «néon». Recordou-se, então, de que, anos antes, numa viagem oceânica, a pequena Gene tinha posto um bilhete escrito dentro de uma garrafa, deitando-a pela borda fora, e, muitos meses depois, uma carta chegara, dirigida ao endereço escrito no bilhete. Nessa



Depois de regressar da Suíça, Gene tomou gosto pelos desportos, tornando-se uma categorizada amazona. Angus, o seu «amiguinho» de quatro patas, acompanhava-a para todos os lados.

altura, Butch dissera, calmamente, que ele é que fizera aquilo e ficara com a garrafa.

Gene abafou um soluço. Nessa altura achara maravilhosa a viagem. Butch estava lá na mesma, com a pequena Pat e aquele grupo de rapazes. Agora, sentia-se mais só — ou não? Na verdade, estava ali, a observá-la na sua solidão, um homem alto e moreno (havia sempre um homem perto daqueles olhos de estranha cor...).

— Vamos ao baile esta noite? — pediu-lhe ele, uma tarde.

E, assim, sempre houve uma linda lua vista de bordo, e aquela foi, no fim de contas, uma viagem de sonho. Mas terminou em desilusão. Porque, quando o barco atracou ao cais e a professora, que devia ir esperá-la não apareceu, ela voltou os seus olhos, onde pareciam brilhar duas estrelas, para o cavalheiro que a acompanhava e sonhou com uma autêntica visita a Paris. Mas alguma coisa, na animação daquela rapariguinha, lhe deve ter traído, por fim, os seus quinze anos.

Ele tomou-a a seu cargo, com todo o cuidado. Fechou-a num hotel pomposo e pôs-se em contacto com a escola. E, no dia seguinte, para lá foi expedida como qualquer outra jovem. «Um dia hei-de ver Paris», prometeu Gene a si própria.

Mas, por enquanto, a pequena Tierney ia para a escola.

E que escola!

Ela costumava ficar em pé junto à janela, a olhar para o assombroso cenário que o exterior oferecia, e a engolir um soluço tão grande como o seu livro de francês. Montanhas sinuosas, recobertas de neve, ziguezagueavam pelo horizonte, tão brilhantemente iluminadas pelo sol que até lhe faziam doer os olhos. Os seus picos projectavam-se para o céu muito azul e radiante. Depois, descia à sala de jantar, onde lhe serviam comida sã, e tinha de falar, só em francês, com um grupo de raparigas vindas de todos os pontos do mundo.



Gene no seu primeiro papel teatral, que mereceu entusiásticas referências da imprensa.



Acompanhada por um jovem compositor, à entrada para uma estreia de gala, em 1938.

Tinha de sorrir e acenar para as professoras, fazendo de conta que era muito feliz...

Era boa a vida em Lausanna, em 1936. Ah, mas a meio mundo dali, o pôr-do-sol tocava nos altaneiros picos dos enormes arranha-céus, onde o acender das luzes começava a fazê-los parecer silhuetas pontilhadas de estrelas. Ah, longe, longe, passado o mar, a música começava a tocar em hoteis sossegados e jovens risonhas, saindo das escolas, agrupavam-se até constituírem uma pequena multidão que gritava: «Colegas, já sabem a última novidade a respeito de...». E as cabeças inclinar-se-íam sobre os caramelos, e a orquestra estaria a tocar «Night and Day»...

A rapariga, à janela, voltava a engolir novo soluço e tapava os olhos com as mãos.

Quase que rebentava a chorar, recusando-se a ficar ali, e desejando escrever uma amarga e saudosa carta para que alguém a fosse buscar àquela remota e fria cidade estrangeira.

Mas Pat tinha sempre os olhos postos nas atitudes da sua irmã mais velha. Pensava-a detentora de todas as virtudes. Da gaveta tirou a última carta que Pat lhe mandara, com aquela sua caligrafia gatafunhada, e suspirou profundamente. Estava bem, havia de se aguentar.

E teve o seu prémio. Vários, na verdade.

Teve um Natal maravilhoso na Inglaterra. Uma rapariga inglesa convidou-a a ir lá passá-lo, e foi muito animada que fez as malas. Pela primeira vez, desde há anos, sentiu-se imensamente feliz, pois a aproximação do Natal fazia-lhe sempre recordar, de lágrimas nos olhos, o peru que se cozinhava em sua casa, a árvore enorme, muito iluminada, Pat e Butch...

Passou um outro Natal, mais encantador ainda, na Noruega — um lugar incomparável, de colorida beleza e gente jovial.

Mas a verdadeira alegria chegou, incpinadamente, sobre as rodas de um velho «D. Elvira» americano, a rebentar até às

portas com radiosos estudantes universitários.

Butch Tierney reunira um grupo de colegas, despachara o «Ford» e atacara a Europa com um grito selvagem: «Não poupem nada, rapazes! Vamos dispostos a tudo!».

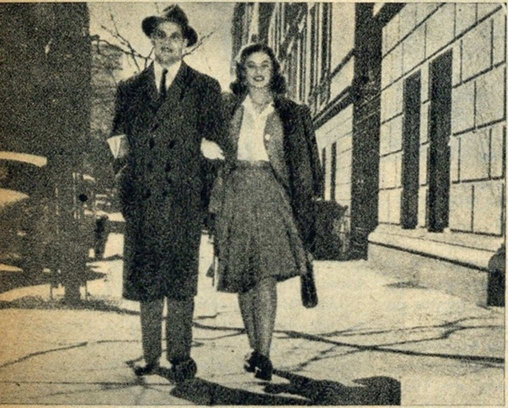
— E se fôssemos buscar a tua irmã? — sugeriu um jovem, a certa altura. — Bem, uma mulher traz sempre aborrecimentos...

— Acha... acha que trouxe muita coisa? — inquiriu, num tom tímido que todos acharam gracioso. E as malas foram levadas sem mais hesitações.

Gene quis que parassem em Florença, para ali admirar uns quadros famosos.

— Quadros... — repetiu um dos rapazes, desconsoladamente. — Coisas de colégio interno...

Gene voltou a fazer uso de um dos seus



Abandonado o palco em Hollywood, por excesso de trabalho que a colocou à beira de um colapso, Gene passeia em Nova Iorque com Butch.

Os Tierneys guerreavam-se mùtuamente, mas uniam-se firmemente contra os outros. Por isso a resposta de Butch foi rápida e peremptória:

— Pois essa «mulher» é diferente. Fica sabendo que fui eu quem a criou...

Seguiram, pois, a caminho de Lausanna, e, quando finalmente viu a irmã diante de si, Butch exclamou:

— Arranja-te. Vimos buscar-te!

E ela depressa se aprontou. Ela e dezasseis malas!

— Então — disse um dos rapazes, irònicamente — foste tu que a criaste?

Gene fitou-os. E, depois, com os olhos verdes sombreados pelas longas pestanas, escolheu um dos rapazes para a ajudar.

processos de convencimento muito femininos. «Talvez — pensou — seja agora a altura de chorar...». Grandes lágrimas marejaram-lhe os belos olhos, o seu delicado e pronunciado lábio inferior começou a tremer. E a resistência dos descontentes cessou.

Durante essa alegre digressão, um dos rapazes do grupo, que era bastante atraente, levou Gene a pensar a sério, pela primeira vez, nisso a que chamavam amor...

Uma noite, quando dançavam ao ritmo da música de um trio de violinistas nómadas, o rapaz disse-lhe:

— Gene, tenho de voltar, sabes. Tenho que voltar para a Universidade. Tu sairás em breve, e vão andar muitos homens atrás de ti. Prometes casar comigo?

A lua sobre as suas cabeças, muito brilhante, era também persuasiva, e o rapaz era belo e louro, alto e vivo.

Mas casamento?

Ele começava a impacientar-se, os olhos tornavam-se-lhe sombrios, e ela pôs-se a acariciar-lhe a manga.

— Não é preciso fixar nada para sempre, pois não? É claro que gosto de ti...

— Mais do que qualquer outra pessoa?

— Mais que de qualquer outra pessoa...

Mas Gene não supunha que ele, ao regressar a Yale, iria anunciar o seu noivado com a irmã de Butch Tierney.

Nessa altura, a lua parecia doirada e a música era suave. Levantando as pestanas, Gene sorriu ao rapaz de Yale...

FINALMENTE, chegou o dia tão ansiosamente esperado em que regressou aos Estados Unidos.

A alegria de voltar a casa iluminava-lhe o belo rosto.

Ao abraçar Pat, que tinha crescido de repente e se tornava mais bonita, sem ser já a irmãzinha gorda e quadrada, ao levantar o irmão em peso, ao dependurar-se no ombro do pai, e ao beijar a mãe, Gene soltava profundos suspiros de felicidade.

— Pat, estás a fazer-te bonita!...

— Pois eu ainda posso dizer mais de ti, mana. Estás gigantesca. Onde diabo arranjaste toda essa «tonelagem»?

Gene examinou-se no reflexo que o seu corpo produzia num vidro da janela e assustou-se. Céus! Ela era, de facto, gigantesca! Tinha que fazer qualquer coisa para reduzir aqueles 65 quilos.

Fez nova tentativa na escola de Farmington, Connecticut, e os quilos foram-se embora conforme se aplicava ao trabalho. Quando o Verão chegou, e a família se decidiu por uma viagem à Califórnia, Gene era já uma linda mulher, de olhos grandes de estranha cor, e espesso cabelo castanho arruivado, toda vivacidade e luminosidade.

Um primo tinha um conhecimento no estúdio da «Warner», em Hollywood, de forma que, quando os turistas Tierneys ali chegaram, foram conduzidos a um «set» onde Bette Davis filmava.

A esbelta rapariga de 17 anos, com um grande chapéu de palha amarelo, fitava, entusiasmadíssima, a genial actriz.



Numa das suas primeiras entrevistas em Hollywood, Gene disse: «Eu não penso arranjar marido pelo menos nestes cinco anos mais próximos. Eu quero aprender a representar primeiro». Da sua legião de pretendentes, Bob Sterling foi o mais feliz.



Adepta da linha estilizada, Gene submetia-se a uma cura de emagrecimento antes dos seus filmes. Em sua opinião, a dança ajuda a manter a linha.

— Deve ser maravilhoso poder representar assim — murmurou Gene, quando a «estrela» veio ter com eles, entre duas cenas.

«Miss» Davis riu-se. Ficou a tagarelar um pouco com a sua pequena visitante, e Gene sentiu que a adorava como a uma heroína.

— «Miss» Davis, não sei se se importará, mas eu gostava de levar uma cópia do seu vestido em «Jezebel», para a minha estreia na sociedade...

Davis achou a ideia amável, e concedeu. Nessa altura, porém, Gene ficou como petrificada porque seu primo chegou ao pé dela e disse-lhe que podia fazer um «test» cinematográfico.

Representar! Velhos sonhos que nela tinham permanecido adormecidos, desde os tempos em que, em pequenina, folheava o álbum de fotografias da família, voltaram à sua mente excitada.

Ao regressarem das férias na Califórnia — estava-se então em Setembro de 1938 — Gene Tierney preparou-se para fazer a sua apresentação na sociedade.

O cenário aparecia exactamente como o previra. Festas, bailes, música trepidante, risos frenéticos. Uma vez mais o amor apareceu, cresceu e começou a intensificar-se. Lá estava o rapaz de Yale, que era agora insistente, convencido de que estavam noivos, decidido a reforçar os seus direitos.

— Mas, então, não era a sério? Estavas a brincar?

— Não, claro que não estava, mas sou nova demais, somos ambos novos, ainda há muita coisa a fazer. Não sejas assim, por favor...

Mas ele era assim, e veementemente furioso, voltou para a Faculdade, jurando vingança.

Depois daquela retumbante festa em que fora apresentada à sociedade, Gene começou a andar pensativa. Aquela espécie de existência tornava-se-lhe monótona, insípida e inútil. E certo dia, não podendo aguentar mais, foi ter com o pai, o Papá que sempre compreendia tudo.

— Papá, estou tão farta disto tudo. A princípio foi divertido, mas agora estou a fazer exactamente a que toda a gente faz, e na verdade o que faço para nada serve...

— Bom, menina — retorquiu o pai, serenamente — quais são os grandes planos que queres pôr em prática?

— Quero seguir a carreira do palco. Ah, bem sei que isso parece disparatado — como as raparigiunhas apaixonadas sùbitamente pelo tablado. Mas o que quero dizer é que desejo conhecer gente diferente e tentar um papel no palco. Acho que podia fazê-lo. Pelo menos quero fazer uma tentativa.

— Compreendo. Bom, está bem. Mas não quero que tu andes para aí metida em agências teatrais e a calcorreares as ruas para baixo e para cima. Posso conceder-te algum tempo todas as semanas — por exemplo, às quartas-feiras. De forma que, se quiseres, vais comigo às quartas-feiras tratar desse assunto na cidade.

E assim, desta fantástica maneira, a jovem Gene Tierney começou as suas tentativas.

Muito bem vestida, os olhos brilhantes, o rosto radiante, ela acompanhava o pai — e o caminho para os escritórios dos produtores teatrais começou a ser trilhado.

E, finalmente, numa quarta-feira, um homem no escritório de George Abbott falou com ela.

— Acho que o Sr. Abbott gostaria de a ver. Ele gosta de actrizes espertas. Vá lá dentro e fale com ele.

O Sr. Abbott — cujo nome era sinónimo de sucesso, que tinha dois e três êxitos em cena simultâneamente! Gene entrou para lhe falar, a tremer por dentro, e por fora com uma alegre segurança em si própria.

— Como se mostrou ele? — perguntou-lhe o pai, no fim da entrevista. E ela respondeu gravemente: — Foi muito agradável.

Dias depois arranjou roupas de «ski» para uma visita turística a Vermont. Um grupo de gente nova seguia no comboio especial, directo às pistas de «ski» de Vermont — uma viagem que era realmente divertida. Música gravada, café quente e os picos gelados como cenário.



Gene Tierney acompanhada por Morgan Barber durante uma festa no Waldorf Astória, em Abril de 1939.



Acompanhada por sua mãe, Gene procura um apartamento em Nova Iorque, onde ia actuar no teatro.



Quando conheceu Oleg Cassini, Gene esqueceu as suas declarações acerca do casamento e desposou o conhecido costureiro em Junho de 1941.

Antes da partida, porém, recebeu uma carta pelo correio e, depois de ler meia dúzia de linhas, disse para os rapazes e raparigas que a acompanhariam:

— Não posso ir. Tenho que ir à cidade.

O grupo mostrou-se incrédulo.

— Mas, Gene, tens que ir! Planeámos isto há tanto tempo. Quem é o Sr. Abbott? Diz-lhe que espere até que voltes.

A carta dizia que o Sr. Abbott queria ouvi-la ler um papel.

Na semana anterior tinham-lhe perguntado se sabia ler com «pronúncia irlandesa». «Claro — dissera a pequena Gene. — Não sou uma Tierney?». Pegara num «Saturday Evening Post» e começara a ler alto, com cerrada pronúncia irlandesa.

E o caso era que, agora, devia, de facto, tentar um papel de irlandesa numa das peças do Sr. Abbott.

Gene não estava com medo — e deu à leitura tudo o que havia nela. Mas, quando acabou, deixou cair o papel e saiu a correr do palco.

— Não tem experiência alguma — ouviu ela um homem dizer. E a respiração prendeu-se-lhe. — Bom — continuou ele — isso virá depois... Demos-lhe uma oportunidade...

— Estás com medo, miúda? — perguntou-lhe alguém na noite da estreia.

— Não! Talvez eu não tenha senso bastante para ter medo — respondeu ela.

Mas, uma vez no palco, e com o público em frente, um grande pânico a tomou. A sua voz caiu, fraquejou. No fim do primeiro acto olhou, embaraçada, para o Sr. Abbott, esperando vê-lo a abanar a cabeça, calculando que lhe diria que estava tudo acabado. Mas, em vez disso, ele sorriu-lhe:

— Aguenta-te, Gene!

E ela não voltou a sentir medo.

As críticas foram muito amáveis para com a pequena principiante dos palcos da Broadway, embora a sua peça de estreia, «Mrs. O'Brien Entertains», viesse a ser um dos poucos falhanços de George Abbott. Só se representou quatro semanas.

Mas algo de surpreendente aconteceu.

Os caçadores de talentos para o cinema tinham andado por lá. E um deles contactou com Gene, trazendo-lhe um contrato, cuja importância qualquer animosa estreante falhada jamais sonharia ter o direito de merecer. Dezoito anos de idade e 350 dólares por semana — e o cinema! Parecia um milagre!

— De forma que vou para lá... — anunciou ela à família.

Então é que as coisas se complicaram.

— Claro que não vais. O palco — em Nova Iorque — é uma coisa. Hollywood é outra. És muito nova — e o que se ouve dizer do cinema não é nada tranquilizador...

Seguiram-se dias terríveis. Lágrimas, fúrias, discussões.

E, finalmente, a família cedeu. Acompanhada pela mãe, Gene partiu a caminho dos estúdios da Columbia Pictures.

Mas esse seu primeiro contacto com Hollywood não correu tão bem como ela esperava.

Um mês depois, sentia-se desesperada. Em amarga carta para George Abbott, descreveu-lhe toda a sua decepção.

«Nem sequer me aproximo de uma câmara. Dizem-me que sou muito nova — dizem que não usam ingénuas — e aqui fico sentada até endoidecer...»

«O que eles são é parvos — escreveu-lhe Abbott. — Volta para a Broadway. Nós tratamos de ti».

Aborrecimentos familiares que contrariavam o seu casamento com Oleg Cassini provocaram um colapso nervoso em Gene. Sua mãe e Pat foram dedicadas enfermeiras.



Envergonhada, regressou no fim do Verão, evitando cautelosamente as pessoas que queriam ouvi-la contar tudo a respeito de Hollywood.

Abbott cumpriu a sua palavra. Gene actuou em duas produções suas, na Broadway. Ambas fracassaram.

— Os únicos fracassos que o senhor tem tido são comigo — comentou Gene para ele,



Não podem restar as menores dúvidas de que o rosto humano retrata, de uma maneira geral, com maior ou menor fidelidade, consoante a sensibilidade de cada um, os seus estados de alma. Sobretudo os olhos parecem deixar ler, como se de um livro se tratasse, todas as emoções que agitam a alma que se esconde por detrás deles. Em 15 anos, sete rostos de Gene Tierney que são o espelho dos seus estados de alma. Da esquerda para a direita: bela e temerosa, no princípio da sua carreira; mãe radiosa; apaixonada por Ali Khan; e enferma.







15 anos da vida de Gene Tierney em 7 imagens

Gene, feliz no lar

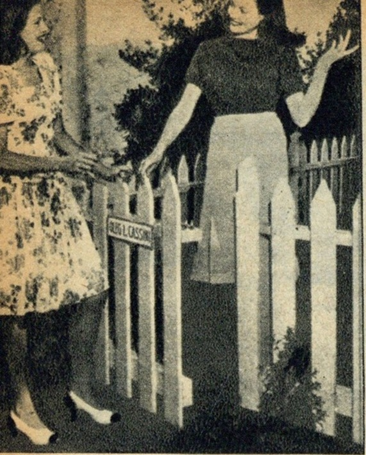




Nos tempos em que a sua união com o célebre figurinista Oleg Cassini era um mar de rosas. Quando seu marido a abandonou, Gene sofreu um grande abalo moral que seria decisivo para a sua doença mental.

Com sua mãe e sua filha, reencontra a alegria.





Gene parece convidar sua irmã Pat, tornada uma encantadora jovem de 16 anos, a entrar na vivenda de Oleg.

Antes de se retirar para Kansas, para esperar o bebé, Gene e Oleg deram uma volta de despedida pelos arredores de Nova Iorque.



pèssimista. — Talvez eu seja simplesmente agoirenta. Acha que sou?

Ele conseguiu incutir-lhe confiança. Era preciso um par de falhanços para se fazer um actor. A seguir veio um papel de ingénua em «The Male Animal». Fazia a irmã mais nova da principal figura feminina. O seu triunfo foi comentado em páginas e páginas de todos os jornais. Um dos críticos perdeu a cabeça — e não apenas profissionalmente. Gene era vista todas as noites com ele, falou-se em amor, e as amigas, invejosas, fitavam-na longamente. Estava, finalmente, na esteira do êxito.

E, então, durante um sólido êxito que se repetia noite após noite, veio uma proposta de «Twentieth Century-Fox».

Gene não ficou entusiasmada. Tinha gasto todas as horas em que estava fora do palco a estudar papéis dramáticos de outras peças. Lembrava-se, além disso, do tempo que perdera em Hollywood, e do desânimo que a invadira, enquanto esperava que a deixassem filmar. E sacudiu a cabeça.

A Fox, porém, não estava para recusas. «Não precisa de cá vir para uma experiência. Terá um teste mesmo em Nova Iorque. Recite qualquer coisa».

Assim fez. Recitou as linhas empolgantes e comoventes de «Our Toun».

Quando se voltou ficou surpreendida. Havia lágrimas no rosto do «camera man» — que se assoava discretamente. Um dos circunstantes exclamou:

— Sabe uma coisa, «Miss» Tierney? Pôs o «camera-man», a chorar, e a nós todos também. Soluçámos como bebés...

E assim — contava Gene, meses mais tarde, a uma amiga — pu-los todos a chorar à força do meu poder dramático. E, desde aí, só tenho feito de mulher sensual...»

Para uma rapariga com o sentido do riso dos irlandeses, isso era engraçado e, felizmente, continuava a sê-lo.

A «Fox» incluiu-a imediatamente no elenco de «O Regresso de Frank James», e essa primeira prova foi encorajadora. Depois apareceu em «Tobacco Road», e isso foi, para ela, um pouco perturbante. Havia uma grande diferença entre as maneiras elegantes que aprendera no colégio da Suíça e o esquisito comportamento da sugestiva Ellie May de «Tobacco Road».

Hollywood parecia-lhe divertida, desta vez. As próprias e inevitáveis entrevistas românticas eram divertidas também — com Burgess Maredith, que tinha estado em Amberst e tinha pontos comuns com a gente do Connecticut; com Barar Polau e John Swope, que eram verbos de encher nas vagas deixadas na vida nocturna por figuras tão importantes como George Jean Nathan e Dick Watts.

Ela tinha um bom contrato. Mas no estúdio procuravam-se incessantemente os papéis que ela podia fazer — com aquelas maçãs do rosto tão salientes e uns olhos tão estranhos.

«Papéis de oriental? — cogitavam — Ou talvez de «sarong»?...

Como estava longe o «camera-man» que chorara, e «Our Town»...

Sua mãe veio ter com ela e com ela ficou, preocupada. Houve um noivado, que se desfez. Havia entrevistas e festas e, novamente, as maçãs do rosto começaram a ficar ainda mais salientes e os estranhos olhos a encovarem-se, e Gene a pensar, preocupada: «Que faço eu agora?».

Tudo tinha acontecido com demasiada facilidade, e agora parte daquelas coisas já não tinham graça.

Foi nessa altura que apareceu em Hollywood um jovem conde de origem russa que acabava de se fixar ali como desenhador de modas de um estúdio. Ganhava 50 dólares por semana, e sentia-se feliz. Não com a balbúrdia da vida da sociedade, que um estrangeiro com um título inevitàvelmente teria. Mas por realizar finalmente as suas ambições.

Uma noite levou uma das coristas de Farl Carroll a jantar à «boite» de Constance Moore. Um jantar de muita cerimónia, com



Quando da guerra, Oleg, então na Guarda Costeira, cujo uniforme enverga, acompanha Gene a uma estreia.

muita gente em volta — ninguém, porém, segundo a arrogante conclusão do conde, de grande interesse.

E, então, olhando pela sala, viu-a.

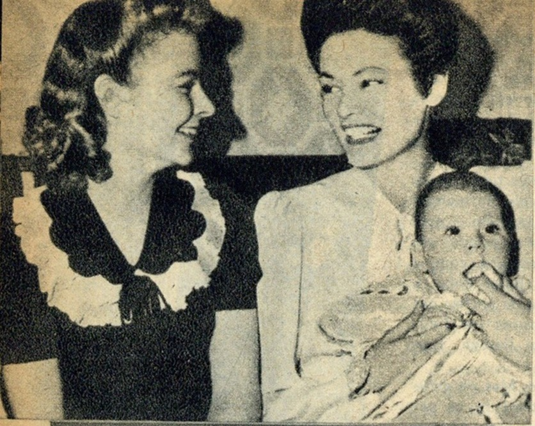
O conde atravessou a sala e aproximou-se do lugar onde se encontrava, de pé, cansada, aborrecida, à deriva — uma rapariga demasiado nova para tudo o que lhe acontecia, demasiado elevada para tudo o que se passava à sua volta.

— Parece-me — disse o conde Cassini a Gene Tierney — que é a única senhora que aqui está .Podemos conversar?

Gene ficou espantada e um pouco aborrecida. Aquilo soava-lhe um pouco a «snob», e a uma jovem americana sem preconceitos como ela, tornava-se enfadonho o mais pequeno vestígio de snobismo.

— Além disso, também não parece satisfeita — acrescentou ele.

— Estou tão satisfeita como qualquer



As obrigações de Gene como dona de casa e esposa impediram-na de ver a estreia da última película em que entrara, «O céu pode esperar», onde aparecia também o encantador «Bobby», que está ao colo da actriz.

Gene Tierney, sorrindo feliz, mostra a uma sua amiga dois encantadores cãezinhos que haviam sido baptizados com os sugestivos nomes de «Loló» e «Totó».



outra pessoa — retorquiu um tanto acremente. — Que quer o senhor insinuar?

O conde Cassini levou muito tempo a explicar a Gene Tierney o que é que ele queria dizer.

Eram extraordinàriamente semelhantes Ambos ansiosos, ambos incertos, e, contudo, levados, em cada caso, pela necessidade de mergulhar de cabeça e combater sòzinhos pela fase seguinte da sua vida.

Dias depois, Gene falou-lhe pelo telefone.

— Oiça, quero dizer-lhe uma coisa. Ando tremendamente aborrecida. Ninguém mais compreenderá...

A princípio, as confidências foram sobre outros homens, outros sonhos. Mas, passado algum tempo, tudo isso começou a extinguir-se. O próprio Oleg era quem contava para ela agora.

A mãe de Gene gostou de Oleg, ao princípio. Mas, depois, começou a pensar e, de súbito, como num céu chuvoso, as nuvens enegreceram e tornaram-se densas, dividindo pela primeira vez, Gene e a família.

— Sabes... — confidenciou ela a Oleg — eles acham que é o costume. Um título falso

Confortàvelmente sentada na sua casa da praia, Gene admira os exercícios ginásticos de uma sua amiga, antes de se irem entregar à doce carícia do mar e do sol.



— e uma menina com muito dinheiro...

Ao ouvir isso, Cassini explodiu e increpou-a com uma fúria crescente, enquanto Gene nada mais podia fazer que olhar, assustada, e tentar falar.

— Um falso conde, hem? — vociferou ele. — Talvez eu possa apresentar a minha garantia... Arranjar umas testemunhas...

E foi-se embora. Gene, seguindo-o com o olhar, abafou um soluço de angústia.

Oh, aquilo era terrível — pior que as saudades de casa, que sentira na escola suíça, pior que tudo. Sem Oleg, a vida não podia continuar para ela.

«Mas, no fim de contas — disse para si mesma, orgulhosamente, coçando o queixo — nada posso fazer. Não posso ir chamá-lo...»

Mas Gene costumava fazer o que lhe apetecia, e não o que os outros faziam. Passado um bocado, dirigiu-se ao telefone, sorrindo um pouco, com uma névoa nos alongados e estranhos olhos.

Mas Oleg não estava disposto a continuar a brincar aos amores.

— Mas, então, queres dizer que sempre me queres? Que casamos? Agora mesmo?

Ela supunha que, de facto, queria dizer aquilo; no entanto sentia-se aterrada. Tão amedrontada que o cair da chuva, lá fora, lhe parecia o tamborilar nervoso de um aviso. Tão aflita que quando chegaram ao aeroporto e o piloto sacudiu a cabeça: «Desculpem, mas não a posso levar assim», pareceu-lhe isso um agoiro. Voltou a entrar no carro e foi para casa. E, como continuava a ser uma rapariguinha, foi falar com a mãe.

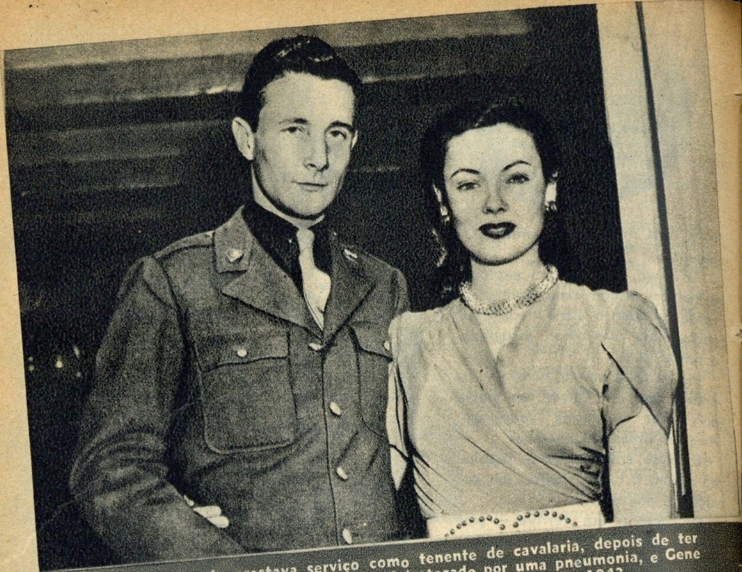
Quando o conde apareceu na manhã seguinte a saber quando íam eles fugir para se casarem, Gene balbuciou:

— Sabes, a mãe acha...

Ele ficou muito calmo, então. Muito frio. Zangado.

— Não voltaremos a ver-nos, Gene. É melhor assim.

GENE tinha conhecido um jovem actor chamado Robert Sterling, rapaz simpático e bem parecido, que estava bastante interessado nela. E, desejosa de esquecer aquela história de amor com Oleg Cassini, tentou entregar-se a esse novo idílio, muito



Em Kansas, onde prestava serviço como tenente de cavalaria, depois de ter transitado da guarda costeira, Cassini foi atacado por uma pneumonia, e Gene voou para ali, a fim de o tratar. Corria o ano de 1943.

embora ele não correspondesse aos seus anseios sentimentais.

Dessa vez, iria pedir licença ao pai, e a família podia ter tudo à sua maneira. Iria para o Este, e ali se casaria com Bob.

Mas, ainda antes de chegar a casa, já tinha reconhecido que tudo aquilo estava terrivelmente errado.

Chorou todas as suas mágoas no ombro do pai. Ele acariciava-a e ria, proferindo:

— Todas as crianças se julgam apaixonadas, querida. Butch vai chegar e passará as férias contigo. Isso vai fazer-te bem.

O seu queixo voltou a levantar-se. Butch, de facto, sempre tivera a melhor boa vontade em proteger a irmã contra os conquistadores. Mas, daquela vez, não era isso de que ela precisava.

E o seu estado espiritual não melhorava. Já não podia acabar uma frase, mesmo um pensamento, sem lhe doer a ausência do conforto moral e compreensão que Cassini lhe podia dar.

— Ora! — exclamou, a certa altura. — Trata-se da minha própria vida, ou da de qualquer outra pessoa?...

— Então — disse-lhe Oleg Cassini quando voltaram a encontrar-se — fugimos e casamo-nos. Mas desta vez, de verdade. Tens, no entanto, que compreender uma coisa, duas coisas, antes que partamos. Assinaremos alguns papéis, que me inibam de quaisquer direitos sobre o teu dinheiro. E, se é condessa o que tu querias ser, também isso se acaba. Estou a tornar-me cidadão americano. Este é agora o meu país. Mais cedo ou mais tarde terei que combater por ele. Não serás condessa muito tempo...

— Bom — suspirou Gene — mas não ralhas comigo...

Ele não o fez. De repente, ficara surpreendentemente terno e doce. Ela admirou-se, então, de ter chegado a admitir casar-se com outro homem.

— E vamos, portanto, fugir para casar...

Vestira um trajo desportivo, e para a viagem de avião dera o nome de «Miss» Belle Starr. Tinha um certo direito àquele nome, pois fizera um filme em que se chamava assim.

Oleg estava a bordo sob o seu próprio nome, mas, embora de vez em quando deitasse um olhar a Gene, ia entretido com os seus próprios pensamentos.

A hospedeira ajudou Gene quando ela, de repente, se sentiu um pouco enjoada. Mas, para a hospedeira, era apenas uma simples «Miss» Starr em viagem. Em Las Vegas, porém, algo aconteceu. Um sorridente oficial dirigiu-se a ela e saudou-a com uma leve continência.

— Não é engraçado? — perguntou Gene. — E sabes como é que ele me conheceu? Porque também se chama Tierney, e reparou logo em mim porque havia uma actriz com o seu nome. E, por isso, disse: «Parabéns», e toda a gente olhou para nós, e a nossa fuga foi logo do domínio público.

Mas ainda não foi isso o pior.

Porque, como era ainda uma rapariguinha, esta «Miss» Belle Starr, quando ela e o seu conde regressaram da sua viagem de núpcias sem núpcias, decidiu sùbitamente ir contar tudo à mãe.

Durante uma entrevista, concedida à mesa do restaurante dos estúdios, Gene Tierney responde às perguntas de uma jornalista.





Gene presta-se, sorridente, à enfadonha operação de provar um vestido.

— Temos muito tempo — disse ela a Oleg — e, se não for, a família fica sentida.

— Queres dizer — lamentou-se o pobre noivo, farto de esperar — que me vais mandar para casa e passar a tua noite de núpcias em tua casa?!

Sorrindo, Gene Tierney explicaria mais tarde:

— Era isso mesmo que eu queria dizer — e foi como eu quis. Porque, quando cheguei a casa, a mãe não estava lá. Tinha ido para o Este. Passei, assim, a minha noite de núpcias sòzinha numa casa vazia.

No dia seguinte, o conde Cassini atravessou com a noiva, da forma tradicional, os umbrais do seu próprio apartamento, para onde se tinha mudado com o seu salário de 50 dólares semanais. E durante algum tempo foram muito felizes.

Mas as complicações com a família não se desvaneceram. Os jornais vinham cheios de notícias deles, provocando um ambiente de incompreensão e confusão.

Gene não percebia nada daquilo. Escreveu ao pai e recebeu exactamente o telegrama com que contava:

«Querida, recebi a tua querida cartinha. Acho que concordarás em que nunca me faltou compreensão para contigo. A tua felicidade será sempre a minha alegria. Escrevo-te uma carta. Adoro-te. Papá».

Mas, depois, seguiu-se um longo silêncio — e os jornais continuavam a falar, afirmando coisas surpreendentes.

Oleg, apertando contra si a sua noivazinha, dava-lhe toda a sua compreensão. Todo o seu amor.

Excepto, uma vez por outra, quando a sua própria fúria de independência reaparecia. Como quando o realizador lhe ofereceu levá-lo com eles para o local das filmagens, três dias depois de casado.

Sentiu-se o gelo da sua voz, e o seu queixo ergueu-se, altivo.

— Levar-me com vocês? Obrigado, tenho o meu trabalho...

Mas isso passou. Gene encontrava em si uma crescente tendência para a vida doméstica. Um dia, pisando lama e folhas secas, deram com a casa dos sonhos de ambos. Longe, lá em cima, no cume de uma colina quase inacessível, encontraram



Gene, na companhia de pessoas amigas, num clube nocturno de Paris, exibe um sorriso que parece forçado.

uma propriedade por 10.000 dólares, com um pequeno «cottage» e uma casa grande por trás. Mudaram-se para o «cottage» e começaram a remodelar a outra casa de forma a que fosse quase uma completa reprodução da velha casa da granja de Connecticut, que tinha sido berço dos antepassados de Gene.

— Porque — diziam eles um ao outro — somos uma nova espécie de pioneiros. E... tencionamos começar uma nova família.

Arranjaram um banco de sapateiro com duzentos anos, para mesa.

Arranjaram uma cama quadrada de dois metros de lado — suficientemente grande para encher todo o quarto.

E, então, para coroar a sua felicidade, dissiparam-se finalmente as contrariedades familiares.

A senhora Tierney veio ajudar a compor a casa, e Pat também.

UM dia, porém, sùbitamente, o silêncio caiu sobre a casinha do alto do monte.

Os japoneses bombardearam Pearl Harbour. E um homem que se tornara cidadão americano nesse próprio dia, sentia-se frenético para se alistar, para pagar o seu



direito à nova e verdadeira vida, de que a sua velha-nova casa era o eco.

Foi-se embora para Fort Riley, no Kansas, para a cavalaria. Mais uma vez, a perícia de cavaleiro herdada dos seus antepassados russos lhe era útil.

Estava no OCS, combatendo para lhe chamarem tenente em vez de conde.

Na casa da colina, as coisas estavam muito sossegadas.

O estúdio fazia agora películas mais importantes com Gene. Tinha acabado «O céu pode esperar», que seria estranha e dolorosamente profético.

A casa estava quase terminada. Dois divãs estendiam-se confortàvelmente diante da lareira de pedra. Reposteiros de Chintz e cortinados ostentavam as suas lindas cores. Carpetes de quadrados espalhavam-se pelos soalhos de tábuas largas e lisas, tectos cla-

ros fechavam tudo isto confortàvelmente. Cantos atraentes convidavam a reunião de grupos satisfeitos e risonhos.

Mas tudo aquilo estava adormecido.

O telefone tocou, e Gene, enfiando o seu roupão azul-escuro de domingo, foi atender. No grande quarto, a sua cama gigante estava desfeita — mas apenas uma almofada estava amachucada. O velho álbum estava aberto, e um rapazinho orgulhoso e agressivo folheava as suas páginas.

— Sim — disse Gene ao telefone — vou a Kansas na semana que vem. Logo que termine o filme.

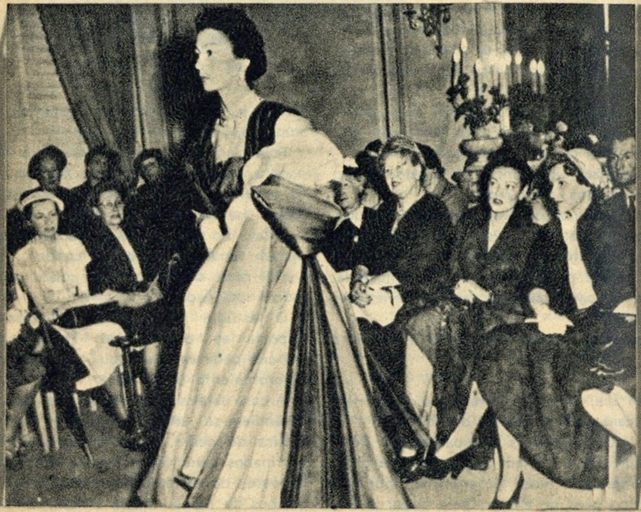
Durante um mês ou dois, ela pôde fazer isso. Alugou uma casa em Fort Riley, que cedeu a outras ansiosas esposas visitantes, que tinham de voltar ao trabalho. Sempre que podia, lá ia passar todos os momentos livres junto do marido.

E foi ali, em Fort Riley, que Gene se viu abandonada pela sorte, pois sua filhita, Daria, nascida alguns meses antes, pouco depois dela própria ter tido um ataque de sarampo muito grave, começou a dar sinais de doença perigosa. O olhar da pequenita não se pousava em qualquer objecto. Não ouvia. Teria perdido também o uso da razão?

Apesar de, nesse ano participar em três filmes, Gene apenas pensava no mal da sua filhita. Depois de uma segunda lua-de-mel, de que resultou o nascimento de uma segunda filha, Dina, Gene sofreu um rude golpe com o ruir do seu lar. Oleg Cassini deixou-a. Mas não parou aí a roda da desfortuna e pouco depois a actriz sabia que seus pais se haviam separado.

A tantas desilusões, só uma paixão absorvente podia opor-se. E um grande amor surgiu na pessoa de Ali Khan, por quem Gene se apaixonou. Durante dois anos viajaram ao redor do mundo, que pelas trombetas da Imprensa anunciava um próximo casamento.

Uma bela e elegante mulher, Gene assiste a uma passagem de modelos em Paris





Sob as vistas de Oleg, Gene retoca os lábios.

Mas as pessoas mais avisadas nada auguravam de bom com aquele amor. Elsa Maxwell avisou-a:

— Esse é um amor que te fará sofrer.

Mas Gene não fez caso das advertências e, um dia, a desilusão chegou com a força brutal de um choque terrível. Ali Khan abandonou Hollywood. A actriz seguiu-o até Nova Iorque, e telefonava-lhe seis vezes por dia, para obter invariàvelmente a mesma resposta:

— Perdoa-me, mas estou muito ocupado...

Depois de algum tempo de insistências infrutíferas, Gene teve de se render à cruel realidade. O grande amor de Ali Khan fenecera. O convencimento desse facto foi o empurrão final para a sua loucura, que veio a manifestar-se pùblicamente numa certa noite de Novembro de 1955, quando, no Stork Clube, de Nova Iorque, a actriz se lançou para o estrado da orquetra, pretendendo agredir o trompetista, ao mesmo tempo que gritava:

— Vocês são uns demónios e uns criminosos!

Os homens não lhe fizeram mal nenhum. Limitaram-se a segurá-la, firme mas galantemente, compreendendo aquilo que toda a América soube no dia seguinte: a pobre Gene Tierney havia enlouquecido.

Alguns dias depois, justamente a 13 do



Depois do fracasso do seu casamento com Cassini, Gene teve um idílio amoroso com o multimilionário príncipe Ali Khan. Infelizmente para a actriz esse seu grande amor também fracassou, contribuindo para alterar completamente a sua mente.

mesmo mês de Novembro, vítima de novo acesso de loucura, Gene saltou para o rebordo do 12.º andar do prédio da 5.ª Avenida, onde vivia. Lá em baixo, tomados de pavor, os transeuntes pararam ao ver aquela mulher que parecia desafiar todas as leis do equilíbrio, caminhando pelo estreito beiral em passos pequeninos e lentos, como se improvisasse as últimas figuras de um estranho bailado da morte. Cinco carros da polícia interromperam o trânsito, enquanto pelos alto-falantes a persuadiam para que não saltasse. E quando os agentes, depois de forçarem a porta, a seguraram ràpidamente, a louca apenas comentou, numa voz arrastada e longínqua:

— Que aconteceu? Não tenho o direito de limpar os vidros da minha casa?... Não faço mais do que tirar a poeira acumulada nessas malditas janelas!...

Conduzida ao hospital sem quaisquer delongas, bem depressa Gene foi transferida para a Fundação Menninger, em Topeka, Kansas.





Depois da sua fuga dos E.U., Gene fixou residência na Europa. Num dos festivais de Veneza a «estrela» conversa com René Clair.

Gene Tierney, solicitada pelos estúdios ingleses, encontrou em Leo Genn, seu oponente em várias películas, um amigo verdadeiro.

Ali permaneceu durante dois longos anos, assistindo a aulas de pintura e cerâmica, e chegando a revelar-se uma boa aguarelista.

O seu caso era dos mais benignos. O seu drama era o ter querido aceitar da vida apenas aquilo que era perfeito. Com paciência, electro-choques e uma boa higiene mental, em breve poderia regressar à sua vida profissional.

E quando, certo dia, Gene pintou uma aguarela que representava uma bela casa, estilo rancho, rodeada de árvores e flores, foi dada como curada.

Da sua longa permanência em Topeka apenas recorda as lições de pintura e «crochet». Por outro lado, Daria, que já fez quinze anos, está prestes a regressar à vida, completamente curada numa maravilhosa casa de saúde.

Para Gene parecem ter acabado os problemas. Todos gostam dela. Cassini foi um bom pai para Tina, durante o seu internamento. Voltou a encontrar Ali Khan, que se comportou como o melhor dos camaradas,





e a 20th Century Fox, que lhe pagou integralmente os honorários durante a sua doença, espera ansiosamente o seu regresso, pois que o seu contrato apenas expira em 1960. Entretanto, para demonstrar a sua cura completa, Gene começou a actuar na TV, representando «Casa de Bonecas», de Ibsen...

E voltou aos estúdios...

Até aqui tudo parecia confirmar as mais optimistas previsões... Mas a notícia chegou brutal, dilacerante, quase definitiva, num telegrama lacónico:

«Gene Tierney talvez não possa voltar a filmar, segundo um porta-voz da 20th Century Fox, que anunciou também o regresso da actriz à casa de saúde que havia pouco tempo abandonara».

Conseguirá Gene Tierney, vencendo esta nova crise, vencer definitivamente a barreira da fatalidade que teima em persegui-la?

FIM



Gene Tierney contracenando com Leo Genn em «O veleiro da aventura», um dos seus maiores êxitos.

Após 4 anos de ausência Gene Tierney reentra num estúdio de cinema

★★★

Por MARK GILBERT



O acontecimento do ano de 1958 em Hollywood foi constituído pela reaparição nos estúdios de uma elegante mulher, vestida com simplicidade e calçando sapatos de salto baixo. Quem visse aquela cara sorridente, conversando com os actores nos breves descansos dos ensaios, dizendo chistes, contemplando as grandes câmaras de filmar e os enormes e deslumbrantes projectores, como se fossem brinquedos desconhecidos, dificilmente reconheceria nela a protagonista de uma das mais trágicas e infelizes histórias do cinema: Gene Tierney que, pela primeira vez, depois de quatro anos, havia cruzado a porta de um estúdio cinematográfico. Todo esse infinito espaço de tempo o passara a infeliz encerrada num sanatório para doentes mentais. Hollywood não queria falar da sua história, mas a verdade é que ninguém ignorava a sua desgraça.

A história começou no dia em que a actriz abandonou sùbitamente os seus ensaios teatrais de «A casa de bonecas», do célebre Ibsen, sem que ninguém pudesse imaginar as razões daquela súbita decisão, cuja verdadeira causa só veio a saber-se bastante depois.

E essa causa emocionou Hollywood, como a emocionou o regresso de Gene ao seu seio, como a emocionou o facto de ser justamente «A casa de bonecas», de Ibsen, o primeiro contacto de Gene no seu retorno à vida, representando na televisão para se aquilatar das possibilidades da sua volta aos estúdios cinematográficos.

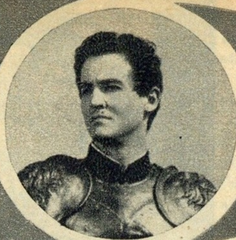
Quatro largos anos se haviam passado, e por isso a sua reaparição num estúdio, embora como simples visitante, constituiu um verdadeiro acontecimento.

— Por felicidade, a minha doença — confidenciou-nos com o seu sorriso meigo e o seu olhar triste — não era incurável. Agora procuro trabalho no cinema. Talvez algum dia volte a casar. Seja como for, pela primeira vez em muito tempo, recuperei a minha paz interior.

Gene Tierney falara-nos pausada e, ao mesmo tempo, convictamente, e os seus olhos, prendendo-se em cada detalhe, diziam bem da ânsia que o seu coração sentia por voltar ali, não como hoje, simples espectadora, mas num futuro próximo como intérprete de um filme que marque a sua ressurreição para o mundo, tal como o seu regresso a Hollywood marcou a sua ressurreição cinematográfica, que, a avaliar pelo interesse que vimos estampado nos rostos de alguns produtores de nomeada, promete ser muito breve.

É que Gene Tierney, com a sua beleza deslumbrante, a sua sugestão artística e a sua elegância, continua a ser tão feminina e sensível como na época em que rodou «A viúva negra», a sua última película rodada em 1954.

no próximo número



VITTORIO GASSMAN



o galã cínico *preferido pelas mulheres*







N. 39

PREÇO 2$00